

PREFÁCIO*

Francisco Topa

Num dos aforismos de *O Avesso das Coisas*, dizia o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade: «Tradição: faca de dois gumes, usada de preferência no que não está afiado». Desse defeito não pode ser acusado o ensaio de Carlos Nogueira que nos cabe apresentar. Concebido como dissertação de mestrado em Estudos Portugueses e Brasileiros, há pouco apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, *A Poesia Oral em Baião* é de facto de um trabalho que encara de frente os dois – ou mais – gumes da tradição.

E isso fica a dever-se, antes de mais, ao sólido apetrechamento teórico com que o autor encarou o objecto que se propôs estudar. Como se verifica logo desde o Preâmbulo, Carlos Nogueira encara a literatura oral sem preconceitos e sem defêrências, reconhecendo o seu valor patrimonial e sublinhando o seu interesse múltiplo, que ultrapassa em muito a esfera do literário. Por outro lado, importa sublinhar que este ensaio parte de um trabalho de campo sistemático e criterioso. Em curso desde 1994, a recolha de textos foi favorecida pelo bom conhecimento que o autor tem do concelho e pelos laços de vários tipos que com ele logrou estabelecer. Parte dos resultados já era conhecida desde 1996, data da publicação do primeiro volume do *Cancioneiro Popular de Baião*. Mas a fatia maior está ainda a ser preparada

para o prelo: prevê-se para breve a saída do segundo volume do *Cancioneiro*, prosseguindo o trabalho sobre os volumes que serão consagrados ao Romanceiro, às Rezas e Benzeduras e aos Contos Populares e Lendas.

Parece-nos decisiva a importância desta recolha e a circunstância de ela servir de ponto de partida e de suporte para o estudo que Carlos Nogueira nos propõe. Antes de mais, porque as fontes da nossa literatura oral estão ainda mal exploradas. É certo que, como o leitor poderá verificar pela bibliografia, são numerosas as recolhas deste tipo realizadas no nosso país. Mas não é menos certo que um bom número delas tem mais de meio século e nem sempre foi levado a cabo com o rigor e o respeito escrupuloso que hoje exigimos desses trabalhos. E, apesar de há uns anos a esta parte assistirmos a um crescente interesse por esta área de estudo, o facto é que continuam a ser muito escassas as tentativas de levantamento. Para satisfazer as necessidades do mercado, vêm surgindo antologias de vários tipos, mas quase sempre se trata de trabalhos de segunda mão, feitos a partir de cancionários já publicados. Para os últimos anos, o único exemplo que nos ocorre anterior à recolha de Carlos Nogueira – e mesmo assim de alcance mais restrito – é a dissertação de mestrado que Maria Luísa Torrado Goulão Branco apresentou em 1994 na Universidade Nova de Lisboa: *No Campo Maior (Subsídios para o estudo da quadra popular e popularizante)*. Ora, trabalhos deste género são de grande importância, não apenas pelo contributo que dão para o conhecimento do património literário oral das zonas sobre que incidem, mas também por permitirem avaliar até que ponto tem validade a máxima que nos diz que *a tradição já não é o que era*. Através deles, verificamos que o desaparecimento desse património não é tão acentuado nem tão rápido quanto se faz crer e que as sociedades que os suportam foram encontrando mecanismos que asseguram a sua sobrevivência na memória colectiva.

* *A Literatura Oral em Verso – A poesia em Baião*, de Carlos Nogueira (V. N. de Gaia, Estratégias Criativas, 2000).

É portanto com grande solidez que Carlos Nogueira aborda a poesia oral em Baião, o que se nota desde logo na forma como a contextualiza, reservando o capítulo introdutório à apresentação de uma série de informações pertinentes sobre este concelho rural do distrito do Porto. Posto isto, passa então à abordagem daquilo que considera as *Questões Fundadoras*, responsáveis pela especificidade da literatura oral por contraponto à literatura *tout court*. É nesta altura que nos aparece um conjunto de pertinentes reflexões em torno de problemáticas como o oral / escrito, o processo da transmissão e da recepção, a ligação da poesia oral a outros códigos artísticos como a música e a dança, as variantes e as funções.

Na segunda parte do ensaio, Carlos Nogueira caracteriza de forma ilustrativa algumas das *Práticas Poéticas*, entre as quais se encontram modalidades menos conhecidas, como os cortejos do Menino Jesus, os pasquins e testamentos, as pulhas e aquilo a que o autor chama dedicatórias mas que nós preferimos chamar *autógrafos rimados*. O capítulo III é consagrado à análise dos textos recolhidos, começando pela explicitação das circunstâncias e critérios da recolha que esteve na base do trabalho. Passa-se em seguida ao complexo problema da classificação, momento em que Carlos Nogueira discute com inteligência as propostas anteriores e aponta as suas falhas. Lamenta-se apenas que o autor não chegue a propor-nos uma alternativa capaz de superar as limitações que identificou. Igualmente de grande interesse são as considerações que nos oferece sobre aspectos formais como a língua e a poética, tanto mais que há sempre o cuidado de documentar com exemplos as conclusões que vão sendo propostas. Por último, o autor aborda dois dos conteúdos privilegiados no seu *corpus*: a religião popular e a problemática histórico-política. Pelas novidades que trazem, merecem destaque especial os elementos apresentados sobre a poesia relacionada com a vida militar e com a guerra, em especial com a guerra colonial. O ensaio termina com uma biografia muito completa e actualizada.

Como o leitor terá oportunidade de comprovar, Carlos Nogueira ultrapassa o título que escolheu para o seu ensaio, na medida em que, tomando embora como ponto de partida o património oral de Baião, acaba por fornecer-nos um conjunto de reflexões e de elementos de análise que quase sempre são válidos para o conjunto da poesia oral e até da poesia tradicional ou de inspiração tradicional.